



* Nós, Mulheres ◀ ▶ Nós, Homens *

◀ NÓS, MULHERES ▶



Tempos houve em que estávamos proibidas de fazer muitas coisas.

Tempos de verbos perigosos, dos quais não podíamos aproximar-nos, ou sequer falar.

“As meninas caladitas são sempre as mais bonitas”, diziam as pessoas há muitos, muitos anos...

**OU SERÁ QUE
NÃO FOI ASSIM HÁ TANTOS?**

No fundo, talvez os anos sejam bem menos do que as proibições...

Estávamos proibidas de fazer algo tão simples como escrever.

Ou seja, não podíamos juntar palavras que formassem frases.

Contudo, como as letras não são feitas apenas de tinta,

buscávamos os melhores lugares para as esconder,

de forma a que as palavras só se tornassem claras para quem as soubesse procurar.



Também não podíamos estudar.

Muitos diziam que a nossa cabeça era tão bonita, refinada e delicada, que não suportaria o peso de qualquer tipo de **aprendizagem**.

Ou que éramos tão frágeis que tínhamos de nos refugiar na segurança do lar.

Que, entretanto, podíamos ir limpando...

Durante muito tempo, as portas das escolas estiveram fechadas para nós.

Mas nós descobrimos como entrar sem ser vistas.

Aprendemos a aprender.



Estávamos proibidas de votar.

Afinal de contas, que sabíamos nós de coisas tão complexas como política?

Já sem falar em termos qualquer hipótese de vir a governar...

TUDO ERA PROIBIDO!

Foi então que algumas de nós tomaram atitudes no sentido de mudar a ordem das coisas. Chamaram-nos desordeiras, ovelhas tresmalhadas,

SUFRAGISTAS.

Houve tempos e lugares em que fomos obrigadas a ceder, a desviar o olhar, a baixar a cabeça.



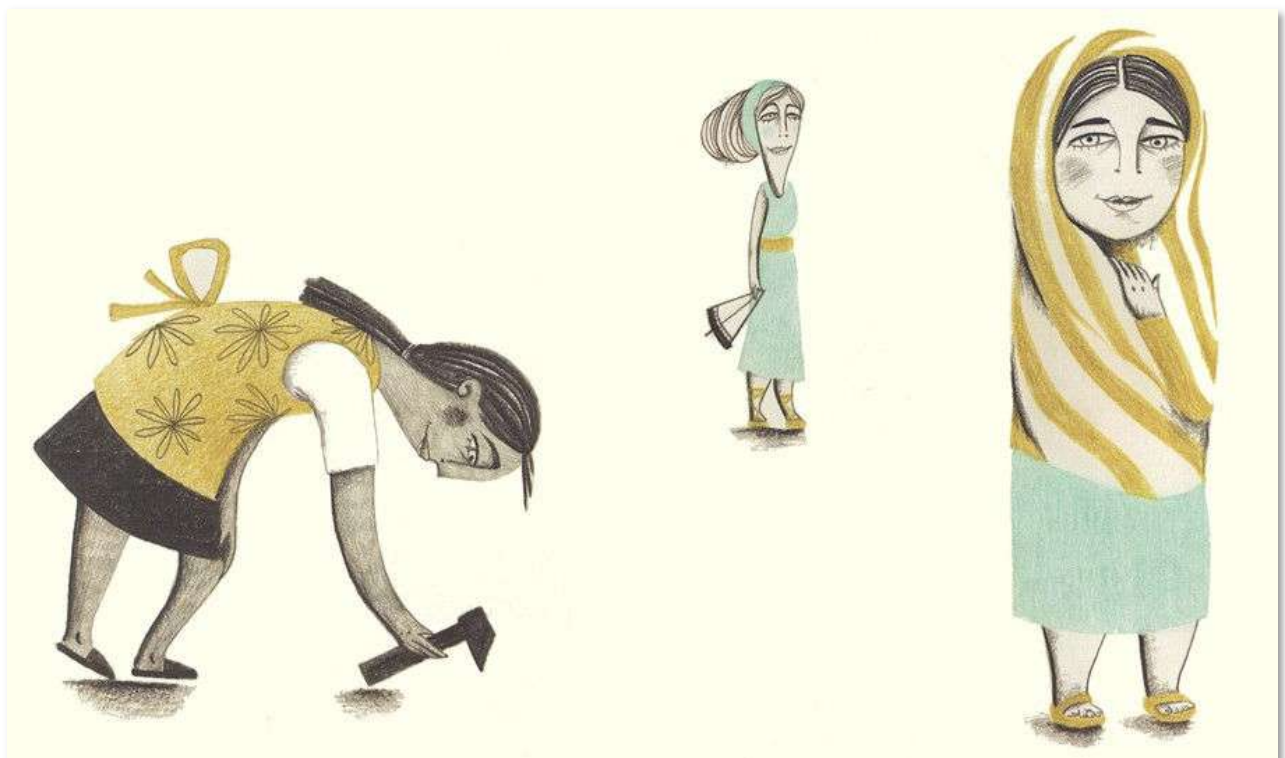
Fomos proibidas de trabalhar a troco de um salário.

Querer ser financeiramente independente era um desejo tão mal visto que quase parecia fruto de alguma loucura.

Achava-se que as nossas mãos eram demasiado desajeitadas para levantar um martelo, e que os nossos dedos eram demasiado escorregadios para guardar moedas...

MAS CHEGOU O DIA...

...em que uma de nós pôde empunhar o bastão do comando com firmeza, em que outra inventou uma máquina para estudar as galáxias, e em que uma outra nasceu fascinada com a beleza do mundo dos números primos.



Fomos proibidas de rir demasiado alto, de falar com assertividade, de sujar a roupa a brincar, de trepar aos ramos mais elevados, de jogar aos berlindes.

Proibiram-nos, mas isso não significa que

nunca o tenhamos feito.



Durante centenas de anos, impediram-nos de seguir os nossos instintos.

Fomos obrigadas a ser amorosas, delicadas, e a permanecer alheadas da maldade do mundo.

Se agíssemos de forma diferente, não seríamos consideradas verdadeiras mulheres.



Ser rapariga significava ter menos valor, ser uma pessoa de segunda categoria.

Mas nem as **proibições**

nem as **obrigações**

nos impediram de ser o que realmente somos:

PESSOAS.



Ora, as **PESSOAS** não cabem em moldes. Nem em caixas.

Nascemos para fazer escolhas em liberdade e, assim, trilharmos o nosso próprio caminho.



Temos a certeza de que as **ETIQUETAS** nunca ajudam, quando se trata de procurar os verbos e os substantivos que realmente nos fazem [a nós, mulheres, e a nós, homens] felizes.





◀ NÓS, HOMENS ▶

Tempos houve em que éramos obrigados a fazer muitas coisas.

Tempos de verbos a executar com urgência, a fim nos mantermos afastados de emoções perigosas.



“Comporta-te como um verdadeiro macho”, diziam as pessoas há muitos, muitos anos...

**OU SERÁ QUE
NÃO FOI ASSIM HÁ
TANTOS?**

No fundo, talvez os anos acabem por ser bem menos do que as obrigações...

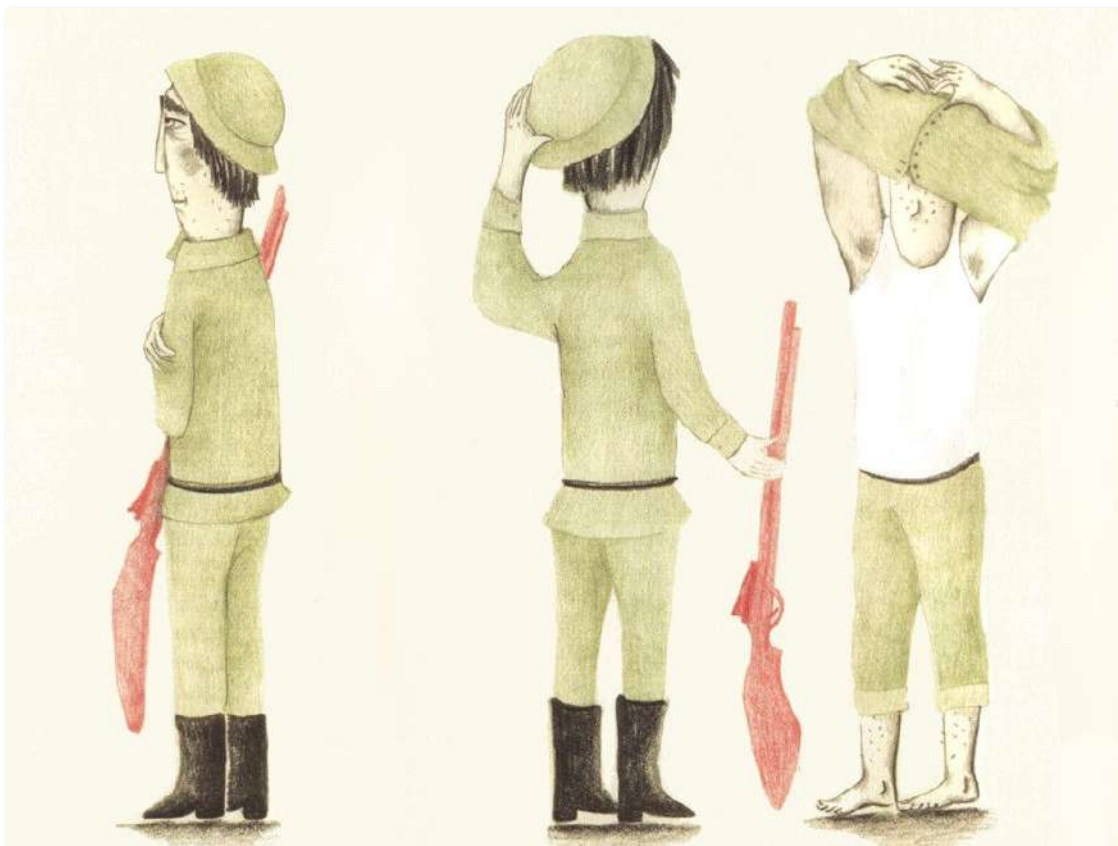
Chorar era um verbo que tínhamos de ignorar.

Só que as lágrimas nem sempre são **visíveis**, e muitas foram as vezes em que tivemos de nos esconder para ocultar o nosso pranto, ou fazer esforços para que ninguém se apercebesse de que tínhamos sempre sabido chorar.

Era obrigatório alistar-se no exército e ir para a guerra, pois tínhamos de mostrar a nossa força matando-nos uns aos outros.

Durante muito tempo, tivemos de carregar espingardas.

Mas aprendemos **A ERRAR O ALVO**. E tentamos matar a guerra.



Éramos obrigados a votar em governantes que outros homens mais sérios e importantes do que nós já tinham eleito. Diziam-nos que bastava seguir as instruções, e que, se alguém ousasse pronunciar a palavra “questionar”, tínhamos de evitar essa pessoa a todo o custo...



Foi então que alguns de nós levantaram a voz e se fizeram ouvir.

Chamaram-nos maltrapilhos, filhos ingratos,

REVOLUCIONÁRIOS.



Em muitos lugares e em muitas alturas, fomos **proibidos** de amar, de sentir, de escutar, de estender a mão para acariciar com **ternura**.

Fomos obrigados a sair de casa para correr mundo, pois a masculinidade tinha de ser exercida na rua.

As nossas mãos eram demasiado desajeitadas para embalar um bebé, e os nossos dedos demasiado grandes para enfiar uma agulha.

MAS CHEGOU O DIA...

...em que um de nós misturou maçãs com caramelo, outro remendou um fato com pontos invisíveis, e um outro fez despontar beleza no meio de gestos de amargura.





Fomos obrigados a gritar mais alto,
a falar muito pouco, a esquecer-nos de saltar à corda,
a desprezar o ballet, a detestar as bonecas.

É verdade que nos **OBRIGARAM**,
mas isso não significa que tenhamos sempre **OBEDECIDO**.



Durante centenas de anos fomos obrigados
a esconder os nossos sentimentos.

Foi-nos proibida a derrota, a ternura e o medo.

Se agíssemos de forma diferente, não seríamos vistos como verdadeiros homens.

Não bastava ser rapaz: era preciso prová-lo, ser sempre o mais forte.



Mas nem as **proibições**

nem as **obrigações**

nos impediram de ser o que realmente somos:

PESSOAS.

Ora, as **PESSOAS** não cabem em moldes. Nem em caixas.

Nascemos para fazer escolhas em liberdade e, assim, trilharmos o nosso próprio caminho.



Temos a certeza de que as **ETIQUETAS** nunca ajudam,
quando se trata de procurar os verbos e os substantivos que
realmente nos fazem [a nós, homens e a nós, mulheres] felizes.



Ana Romero; Valeria Gallo (il.)
Nosotros Nosotras
México: Fondo de Cultura Económica, 2019
(Tradução e adaptação)

Nós, Mulheres, Nós, Homens

- 1. Refere duas proibições impostas às mulheres, e comenta a importância dessas limitações na sua vida.**
- 2. “Mas nós descobrimos como entrar sem ser vistas. Aprendemos a aprender.” O que significa, para ti, esta afirmação?**
- 3. Quem eram as sufragistas, e que mudanças se propunham alcançar?**
- 4. Aponta duas expectativas em relação aos homens, e descreve de que forma influenciam o seu comportamento.**
- 5. O que significa, para ti, a expressão “tentamos matar a guerra”?**
- 6. Por que motivo a palavra “PESSOAS” aparece em destaque ao longo do texto?**
- 7. “As pessoas não cabem em moldes nem em caixas.” Concordas? Justifica.**
- 8. As proibições impostas às mulheres e as obrigações exigidas aos homens partem de um mesmo pressuposto. Qual?**
- 9. Até que ponto a associação de certas atividades a um género específico continua presente na sociedade atual? Justifica com exemplos.**
- 10. Como interpretas o último parágrafo? Fundamenta a tua resposta.**